

Economia

# Roubini: “A recessão está de volta a Portugal, mas haverá recuperação”

Tiago Varzim  
28 Janeiro 2021

O economista conhecido por ter antecipado a crise financeira de 2008 veio a Portugal para anunciar que a "recessão está de volta", mas mostrou otimismo face ao futuro da economia portuguesa.

[Follow](#) [Like](#)

**N**ouriel Roubini é mais famoso por ter um discurso pessimista sobre a economia do que otimista e quem o ouviu esta quinta-feira no *warmup* do QSP Summit, no Porto, confirmou essa expectativa. Contudo, o economista norte-americano conhecido por ter antecipado a crise financeira de 2008 **mostrou-se otimista quanto ao futuro “brilhante” de Portugal por causa das características do país**. Antes disso, a economia portuguesa terá de enfrentar uma “recessão dupla” por causa do novo confinamento.

Leão confirma revisão em baixa do PIB e défice maior em 2021

[Ler Mais](#)

“A recessão está de volta a Portugal, mas haverá recuperação”, disse o economista numa apresentação sobre o estado da economia enquanto o mundo enfrenta uma pandemia, equilibrando o discurso entre o que pode correr mal e as razões para acreditar que vai correr bem. No caso de Portugal, após a recessão no segundo trimestre de 2020, a expectativa é que a economia volte a contrair no primeiro trimestre de 2021 por causa do novo confinamento.

Roubini começou por descrever o estado da economia portuguesa antes da Covid-19: “A economia estava forte, havia criação de emprego, a taxa de desemprego estava bastante baixa e tinha sido alcançado um equilíbrio orçamental”, disse, elogiando diversas vezes Portugal pela sua beleza, mão-de-obra qualificada e boas infraestruturas. “Portugal continuará a ser um grande destino para fazer negócios e para o turismo”, disse, referindo que “os investidores acreditam” no país.

Contudo, a pandemia provocou uma “recessão muito severa” (-8%) em 2020, levando a um aumento da taxa de desemprego para os 9% e a uma “crescente pobreza” da população. No caso do mercado de trabalho, Roubini citou estimativas que apontam para o perigo de dois terços dos 360 mil postos de trabalho criados nos últimos quatro anos serem “destruídos” em 2020 e 2021, principalmente nos setores ligados ao turismo.

O economista elogiou a resposta à primeira onda do vírus, mas criticou a gestão da segunda vaga por se ter feito uma **“reabertura no outono demasiado cedo, levando a uma recessão dupla por causa do novo confinamento draconiano”** — o que acontecerá também no resto da Europa, acrescentou. O economista norte-americano disse estar preocupado com o curto prazo, mas com esperança para o médio prazo: **“O futuro do país é brilhante”**.

## O problema da dívida pública... outra vez?

Ao falar da dívida pública portuguesa, o discurso do economista torna-se mais sombrio. Primeiro fez um aviso geral para países muito endividados da Zona Euro, como é o caso de Portugal mas também de Itália, Grécia e Espanha: **“Quando o Banco Central Europeu (BCE) retirar gradualmente os estímulos [monetários], o problema da dívida pode ressurgir”**, avisou.

Sobre Portugal em particular, Roubini disse que o nível de endividamento público **“pode eventualmente tornar-se insustentável”**, mas ressaltou que tal não significa que o Governo deva retirar os estímulos orçamentais. O economista concorda que estes ainda “são necessários” e até ajudarão à recuperação do PIB (a dívida pública é medida em % do PIB), além de parte ser financiado pela União Europeia.

Contudo, **“eventualmente”, Portugal precisará de voltar à “consolidação orçamental” caso contrário a dívida pública “pode tornar-se insustentável”**, uma vez que o “BCE não pode fazer *quantitative easing* [política monetária expansionista através da compra de dívida pública e taxas de juro muito baixas] para sempre”. **O economista antecipou que não será este ano que a compra de ativos vai diminuir, mas em 2022 tal acontecerá “de forma gradual”**.

“Mesmo com crescimento económico, o qual leva a um défice menor, será sempre necessária consolidação orçamental”, disse, concluindo que **“se o país não o fizer, irá ter problemas”**. O aviso é o mesmo para o resto dos países europeus mais endividados: **“O legado e a sustentabilidade das dívidas altas será um problema de longo prazo que terá de ser resolvido mesmo que as atuais taxas de juro e *spreads* tornem as dívidas sustentáveis”**, alertou.

Mesmo com a política monetária do BCE a todo o gás, o economista avisou ainda que poderá haver um **“credit crunch”** (“contração de crédito”, numa tradução livre) se houver um aumento significativo do crédito malparado (NPL). Roubini prevê que os próximos tempos sejam caracterizados por uma “aversão ao risco e uma desalavancagem das empresas e dos agregados familiares”, **o que é agravado na Europa pelo “crescimento potencial baixo”, o qual só será resolvido com “reformas estruturais, tecnologia e inovação”**. Nesse campeonato, a Europa está atrás dos EUA e da China, lembrou.